



A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E A SUBJETIVIDADE A PARTIR DE VYGOTSKY: ALGUMAS REFLEXÕES

THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT AND THE SUBJECTIVITY THROUGH VYGOTSKY: SOME REFLECTIONS

Elisabeth Rossetto¹
Gabriela Brabo²

RESUMO: O texto pretende expor as idéias de Lev S. Vygotsky quanto aos conceitos de subjetividade e a constituição do sujeito, a partir das relações sociais, ou seja, do outro. Dessa maneira, o trabalho proposto está fundamentado nas idéias de Vygotsky e em autores como Valsiner, Wertsch, Pino, Molon e Smolka, pautado em uma concepção de ser humano como um sujeito social e, portanto, como um ser inserido ativamente no contexto que o cerca. Para tanto, são enfocadas nesse processo três categorias: a ênfase no funcionamento intra-individual ou sociogênese, no funcionamento interindividual ou intersubjetividade e na relação dialética existente entre as dimensões intra e interindividuais, dentro de um processo histórico, social e cultural. É destacada também a mediação semiótica como responsável pela incursão do ser humano no mundo, o que direciona o estudo para o nascimento cultural do homem, quando o mesmo se apropria do legado histórico e das inter-relações onde convive e atua.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade, constituição, sociogênese, intersubjetividade, mediação.

ABSTRACT: The text intends to expose the ideas of Lev S. Vygotsky about the concepts of subjectivity and the constitution of the subject, from the social relations, in other words, of the other. In this way, the work proposed is based on the ideas of Vygotsky and authors like Valsiner, Wertsch, Pino, Molon and Smolka, ruled in a conception of the human being as a social subject and, therefore, like a person actively inserted in the context that she is

¹ Professora do Colegiado do Curso de Pedagogia da UNIOESTE, mestre em educação, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS – nível doutorado, linha Processos de Exclusão e Participação em Educação Especial e membro do NEPIE Núcleo de Estudos em Política de Inclusão Escolar. e-mail lisath2006@yahoo.com.br

² Psicóloga, mestre em educação, assessora técnica para o processo de inclusão escolar e social do aluno com necessidades educacionais especiais, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS – nível doutorado, linha O Sujeito da Educação: conhecimento, linguagem e contextos. Membro do NEPIE - Núcleo de Estudos em Políticas de Inclusão Escolar. e-mail sibilapa@hotmail.com



enclosed. For much, three categories are focused in this process: the emphasis in the intra-individual functioning or sociogenesis, in the interindividual functioning or intersubjectivity and in the dialectic relation existent between the dimensions intra and interindividual, inside a historical, social and cultural process. It is also pointed out the semiotic mediation as the one responsible for the raid of the human being in the world, leading the study to the man cultural birth, when he takes over the historical legate and the inter-relations where he coexists and acts.

KEY WORKS: Subjectivity, constitution, sociogenesis, intersubjectivity, mediation.

INTRODUÇÃO

A constituição do sujeito tem sido tema recorrente em todas as teorias que existem no campo da psicologia, cada uma delas partindo de pressupostos teóricos que trazem como fundo aspectos epistemológicos bem definidos e, ao mesmo tempo, definidores de tais teorias. No que diz respeito aos pressupostos que constituem a escola que se convencionou chamar de soviética, cuja base epistemológica é o materialismo dialético, a maior referência é inegavelmente Lev S. Vygotsky.

Partindo de um objetivo inicial, que seria o de resolver a crise da Psicologia com relação aos dualismos presentes na época (por conta de uma cultura iluminista) - mente/corpo, espírito/matéria, individual/social etc. - Vygotsky terminou por nos fornecer, senão uma nova teoria da personalidade que enfatiza o papel da realidade social na formação do sujeito individual, mas nos abriu caminhos de pesquisa sobre como a cultura e o social, permeados pela história contribuem de maneira determinante para a constituição desse sujeito.

O que seria então a subjetividade, este conceito de onde outros autores a partir das idéias de Vygotsky se desenvolvem e se entrecruzam na tentativa de explicá-lo? Para entendê-lo, precisamos nos remeter à própria história do mesmo: o conceito de subjetividade que orientava a psicologia do século XIX se referia às experiências vividas pelo indivíduo que seriam íntimas, pessoais e únicas, ou seja, totalmente originais e intransferíveis, como uma salvaguarda para um período de crise social, em que cada vez mais o público penetrava na vida do indivíduo, desde sua concepção.

Assim, desenvolveu-se um conceito de subjetividade que ressaltasse o indivíduo capaz de decidir, com autonomia, iniciativa, emoções e sentimentos privados, ao qual se



denominou subjetividade privatizada. Porém, tal conceito, que remetia às idéias liberais e românticas da época, não perdurou diante da insegurança sobre esta pretensa singularidade e liberdade do indivíduo, porque se fundamentava numa ilusão de sujeito abstrato, à parte de sua cultura, desconectado de sua história e relações sociais nas quais estava inserido.

A ascensão da psicologia como ciência surgiu da necessidade de controle e previsão do comportamento individual em contraposição à idéia de subjetividade privada, sob o modelo baseado na metáfora da máquina perfeita: estabilidade, ordem e equilíbrio, no qual a idéia de autonomia e iniciativa soava como uma subversão dessa mesma ordem e equilíbrio. Neste novo paradigma, a subjetividade foi vista enquanto interioridade não dizível e não acessível, e o sujeito, somente enquanto exterioridade observável, comportamento. (MOLON, 2003). É com esse reducionismo conceitual que entramos no século XX: de sujeito cognoscente a sujeito empírico, a consciência limitada à cognição e a subjetividade desprezada pela objetividade (sendo esta observável e aquela inefável). Com isso, o objeto da psicologia se perdeu, a saber: a experiência da subjetividade. E é nesse panorama que surge Vygotsky, cuja obra evidencia essas ambigüidades cometidas durante a consolidação da psicologia como ciência, mas vai além, na medida em que pretendeu entender a constituição do sujeito inserido em uma determinada cultura.

Ele olhou para a ciência psicológica de maneira diferente, acreditou que o eixo teórico-metodológico da psicologia, necessariamente, passaria pelo reconhecimento e valoração do sujeito. Criticou tanto as psicologias subjetivistas idealistas quanto as psicologias objetivistas mecanicistas, defendendo a unidade entre a psique e o comportamento, unidade mas não identidade, e a correlação entre fenômeno subjetivo e fenômeno objetivo. (MOLON, 2003, p. 18).

Vygotsky (1993) abriu caminho para uma psicologia que possibilitasse a construção de um sujeito social, por meio da compreensão da constituição desse sujeito e da subjetividade na processualidade. Para isso, pesquisou os sistemas psicológicos que ocorrem no processo de individuação do homem (cuja culminância seria a subjetividade, agora em toda a sua plenitude), sendo que esse processo não desvincula o homem de sua inserção social e histórica em uma cultura. Em outras palavras, sujeito e subjetividade são constituídos e constituintes nas e pelas relações sociais.



Embora haja um consenso quanto ao papel da realidade social na formação do sujeito individual, alguns questionamentos e controvérsias a respeito desse papel e da gênese dos processos individuais dividem os autores atuais em duas categorias: uma que tende a privilegiar o funcionamento intra-individual e outra, o interindividual. O funcionamento voltado para o caráter intra-individual foi denominado de sociogênese e o de caráter interindividual, de intersubjetividade.

ÊNFASE NO FUNCIONAMENTO INTRA-INDIVIDUAL OU A SOCIOGÊNESE

Dentre os autores preocupados em explicar a constituição do sujeito pelo funcionamento intra-individual, a maior referência é Jaan Valsiner. Privilegiando em seus estudos a sociogênese (que enfatiza a relevância do mundo social na formação das funções psicológicas) em contraposição à psicogênese, Valsiner preocupou-se em verificar de que modo esse mundo social participa de maneira marcante na formação do sujeito sem que este se dilua naquele ou apenas o reflita. Assim, identificou dois modelos de transmissão cultural (unidirecional e bidirecional) e propôs um terceiro, ao qual chamou de co-construtivismo.

O modelo unidirecional se resume na transmissão de idéias sem qualquer crítica, o que concebe a socialização como algo passivo e despersonalizado. Nele, o indivíduo seria simplesmente um depositário de normas e padrões de conduta sobre os quais não refletiria, apenas acataria. O modelo bidirecional vê os participantes no processo de transmissão cultural como transformadores ativos das mensagens culturais, mas mesmo assim, para Valsiner, este modelo termina por enfatizar as sugestões sociais, havendo assim o predomínio do social sobre o pessoal. Preocupado com a construção conjunta do sujeito pela sociedade e pela pessoa, com vistas à preservação e sobrevivência desta última, Valsiner desenvolve a perspectiva co-construcionista.

O autor estabelece três tipos possíveis de sociogênese: aprendizado harmônico, no qual o mundo social fornece as informações necessárias para o desenvolvimento pessoal, que faz com que o indivíduo se torne “socializado” harmoniosamente, um participante da



sociedade; fusão, que seria a unificação dos processos pessoais e sociais, que pode levar à dissolução do sujeito, já que não há peculiaridades que o separem do mundo social; e contágio, inspirado na metáfora das doenças contagiosas, aborda os mecanismos de infecção e imunização no qual a pessoa pode neutralizar a infecção ou resistir a ela. Este último Valsiner valorizou e nele baseou seu modelo sociogenético co-construcionista.

Pelo co-construcionismo, a pessoa constrói o que Valsiner chamou de cultura pessoal em diferenciação à cultura coletiva. A construção da cultura pessoal se dá na resistência às sugestões sociais, garantindo a não-dissolução do sujeito no social. Aqui surge outro conceito usado pelo autor: a separação inclusiva, que permite ao sujeito ser constituído pelo mundo social ontogeneticamente, mas ser uma entidade à parte (com um mundo psicológico individual) ontologicamente. (SMOLKA *et alii.*, 1998)

Porém, algumas questões surgem com relação a este modelo: a noção de contágio baseado na metáfora de doenças infecciosas dá conta da complexidade e riqueza que existem nas relações sociais? É adequada uma analogia entre o que ocorre entre o organismo biológico e o organismo social, dadas as diferenças que existem entre ambos? Qual a origem da imunidade por parte do indivíduo às sugestões sociais – natural ou socialmente construída? E se a auto-imunização provém de experiências passadas, não seriam estas também vividas na relação com o outro? Parece-nos contraditório pensar numa cultura pessoal cuja experiência anterior que a garante ocorre em contexto social. Até a própria aquisição de regras sociais que propiciam o reconhecimento ou negação do outro (a suposta imunidade por ele mencionada) é aprendida socialmente.

Além de tudo isso, Valsiner negou o que há de mais significativo no enfoque de constituição de sujeito em Vygotsky: que o mesmo é um processo dinâmico e dialético, baseado na história, na cultura e no social. Logo, o modelo co-construcionista, desprovido de historicidade, acaba por gerar um dualismo entre o pessoal e o social como instâncias estanques e separadas fisicamente, justamente uma das dicotomias mais combatidas por Vygotsky.

ÊNFASE NO FUNCIONAMENTO INTERINDIVIDUAL OU INTERSUBJETIVIDADE



Neste funcionamento, privilegiamos a teoria de James Wertsch, que parte do pressuposto de que as propriedades dos processos interindividuais permitem a transição ao plano intra-individual, por meio de mudanças quantitativas e qualitativas, cuja origem está nos instrumentos semióticos que são utilizados nas interações sociais. Apresenta dois processos de análise do funcionamento interindividual: a definição de situação e níveis de intersubjetividade.

A definição de situação seria a maneira como se representam ou se definem os objetos ou acontecimentos em uma dada situação, sendo que os níveis de intersubjetividade existiriam conforme as diferentes formas de participação compartilhadas pelos interlocutores em uma definição de situação. Em outras palavras, lidaria com o emergente numa interação. Para falar dos níveis de intersubjetividade, Wertsch (1988) remete sua pesquisa à teoria da interação verbal de Rommetveit, que considera que a comunicação ultrapassa os limites dos mundos privados dos participantes e estabelece o que se pode designar de estados de intersubjetividade.

Para ambos os autores, a comunicação deve ser pautada em um mínimo de definição de situação compartilhada, isto é, num mínimo de intersubjetividade. Wertsch apresenta quatro níveis na transição do funcionamento interindividual para o intra-individual: no primeiro, a definição de situação da criança é tão diferente da definição de situação do adulto, que a comunicação é quase impossível. No segundo, já há uma definição de situação mínima compartilhada, embora a criança ainda não entenda a natureza da ação dirigida a um objetivo. No terceiro, a criança infere a partir de interpretações das produções diretivas do adulto, mesmo as não explicitadas, mas que são da definição de situação do adulto. No quarto nível, criança e adulto estabelecem uma intersubjetividade plena, na qual a criança domina a definição de situação colocada pelo adulto.

Entretanto, mais uma vez questionamos algumas noções referentes à teoria de Wertsch. Concebendo vários níveis de intersubjetividade, o autor pressupõe a existência de um nível harmônico de intersubjetividade, que seria ideal na relação do adulto com a criança, sendo esta também a única relação – adulto/criança – por ele estudada. Mas, o que ocorre em situações onde predomina o caráter não harmônico, os conflitos? Como



podemos identificar níveis de intersubjetividade com a presença do irregular e do caótico nas relações sociais, advindos das diferenças entre os indivíduos e das diferenças sociais? Parece que a teoria falha quando em presença de divergências entre os interlocutores da relação.

ÊNFASE NA RELAÇÃO DIALÉTICA DAS DIMENSÕES INTRA E INTERINDIVIDUAIS

Alguns autores direcionaram sua pesquisa não para um ou outro componente constituinte do sujeito, mas com base nos próprios escritos de Vygotsky, no processo dialético que envolve estas duas dimensões (intra e inter), como forma de superar um novo dualismo não previsto por aquele autor, mas que surgiu no redirecionamento de sua teoria por outros teóricos, a saber: o dualismo entre o funcionamento intra-individual e o funcionamento interindividual.

Dentre os autores que enfatizam a relação dialética, encontram-se Smolka *et alii*, cujas pesquisas indicam que a constituição do sujeito acontece dialeticamente, no funcionamento interpsicológico e não só em situações ideais de intersubjetividade. Para eles, “(...) a constituição do sujeito não se esgota no privilégio de aspectos intrapsicológicos ou interpsicológicos, mas no processo dialético de ambos, e ainda, o que é mais expressivo, a constituição do sujeito acontece pelo outro e pela palavra em uma dimensão semiótica.” (MOLON, 2003, p. 57).

Para superar a concepção de sujeito abstrato, Góes (1993) refere a constituição do sujeito pressupondo, simultaneamente, a intersubjetividade constitutiva e a singularidade do sujeito. Assim, a individualidade é vista como um processo socialmente construído, sendo a singularidade uma conjugação que envolve conflitos, convergência e divergência, semelhanças e diferenças, aproximação e distanciamento com relação ao outro. Em última análise, o sujeito seria uma composição nada uniforme ou regular (não harmônica) dessas tensões e sínteses.

Para explicar essa composição, Pino (1993) busca em Wallon três momentos de significação para a constituição do sujeito: no primeiro, há um processo fusional do eu no



outro; no segundo, o eu se constitui em sujeito através do processo dialético de negação e reconhecimento; e no terceiro, devido à oposição e reconhecimento do outro como um “não eu”, surge a consciência da própria subjetividade, de um eu não isolado, mas um eu da relação “eu-outro”. Essa consciência da subjetividade somente ocorre no campo da intersubjetividade, que para Pino seria o lugar do encontro, do confronto e das negociações dos mundos de significações privados e públicos.

Desta forma, intersubjetividade para esses autores proporciona o acontecimento social que pode ser dos mais diversos modos. Não é o plano do outro, mas da relação com o outro. É inter-relação, e não inter-ação. Portanto, o mundo seria o lugar de constituição da subjetividade e a participação do outro na constituição do sujeito ocorreria num cenário de agitação, conflito, produção permanente, diferenças, semelhanças e tensões, isto é, num mundo de significações.

O que resumir de tudo o que aqui foi exposto? O reconhecimento por parte de todos os autores, cujas pesquisas têm como ponto de partida a obra de Vygotsky, de que a constituição do sujeito está necessariamente vinculada à participação do outro, havendo mudança de pensamento no que diz respeito ao modo de participação e funcionamento do outro na constituição desse sujeito.

O NASCIMENTO CULTURAL DO HOMEM

Vygotsky, em sua obra, referiu que o desenvolvimento psicológico da criança é um processo de natureza cultural, o que em outras palavras quer dizer que a criança desenvolve suas funções psicológicas superiores quando em contato com a cultura de seu grupo social. Aos poucos, a criança vai se apropriando das significações que os adultos atribuem às coisas e, em particular, às suas próprias ações. Para tanto, Vygotsky se utiliza do exemplo sobre o ato de apontar da criança para defender essa idéia:

Inicialmente, esse gesto não é nada mais que do que uma tentativa sem sucesso de pegar alguma coisa, um movimento dirigido para um certo objeto, que desencadeia a atividade de aproximação. A criança tenta pegar um objeto colocado além de seu alcance; suas mãos, esticadas em direção àquele objeto, permanecem paradas no ar. Seus dedos fazem



movimentos que lembram o pegar. (...) Quando a mãe vem em ajuda da criança, e nota que o seu movimento indica alguma coisa, a situação muda fundamentalmente. O apontar torna-se um gesto para os outros. A tentativa mal-sucedida da criança engendra uma reação, não do objeto que ela procura, mas de uma outra pessoa. Consequentemente, o significado primário daquele movimento mal-sucedido de pegar é estabelecido por outros. (VYGOTSKY, 1991, p.63-64).

Poderíamos dizer que a constituição do sujeito passa pelo significado que o outro dá às ações que esse sujeito estabelece, mas além disso, o próprio significado que o outro dá a essas ações é produto de todo um processo histórico e cultural. Assim, mais uma vez se comprova que a subjetividade do indivíduo se dá ao nível das relações deste com o outro. Através da mediação do outro, a criança vai se transformando de ser biológico em ser cultural. A esse processo, Pino (2005) denomina de o nascimento cultural do homem.

Neste contexto, sem reduzir o ser humano às determinações sociais, mas considerando também as características orgânicas, Vigotski enfatiza que a gênese da sua constituição é histórico-cultural, relacionando a cultura como parte integrante da natureza do ser humano e como categoria central de uma nova concepção do desenvolvimento psicológico do homem. Acreditava em uma teoria do desenvolvimento psicológico humano, baseada na noção de que a essência da vida humana é cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todos os enfoques aqui apreciados acerca da constituição do sujeito e subjetividade, quero reportar-me novamente a Vygotsky e sua visão do tema. O autor nos fala de um sujeito interativo, que ultrapassa o paradigma do sujeito passivo e o paradigma do sujeito ativo, mas sim, um sujeito que é construído na e pela interação com os outros nas pautas de relação interpessoal, que é dialética.

Para Vygotsky, a dimensão intersubjetiva não é a dimensão do outro, mas a dimensão da relação com o outro; desse modo, o processo de internalização não é mera reprodução ou cópia do mundo externo, mas que existe dependência mútua entre os planos inter e intra-subjetivos, e esses processos ocorrem dialeticamente pela mediação



social. Da mesma forma, Vygotsky admitiu a construção do conhecimento na interação entre sujeito e objeto, sendo que a ação do sujeito sobre o objeto é socialmente mediada.

Vygotsky acreditava que a constituição do sujeito ocorre na e pela interação humana, mas enfatizou que essa interação acontece em situações concretas de vida, na prática humana que atribui significado à produção material e à produção cultural, obras do humano, e não por meio de abstracionismos isolados ou reflexos reagentes. A constituição da subjetividade ocorre a partir de situações de intersubjetividade pelo processo de internalização.

O sujeito de Vygotsky não se dilui no outro nem se perde no social, mas adquire singularidade justamente na relação com o outro, em relação ao outro, sendo esse outro uma complexidade que se apresenta e se representa de diferentes modos. Assim, ser reconhecido pelo outro é ser constituído em sujeito pelo outro, na medida em que o outro reconhece o sujeito como diferente e o sujeito reconhece o outro como diferente. Assim, subjetividade significa uma permanente constituição do sujeito pelo reconhecimento do outro e do eu.

A subjetividade manifesta-se, revela-se, converte-se, materializa-se e objetiva-se no sujeito. Ela é processo que não se cristaliza, não se torna condição nem estado estático e nem existe como algo em si, abstrato e imutável. É permanentemente constituinte e constituída. Está na interface do psicológico e das relações sociais. (MOLON, 2003, p 68).

Vygotsky não nos dá todas as respostas às questões que ele próprio formulou, mas sua obra nos dá um bom exemplo de superação da dicotomia entre o individual e do social, entre o sujeito abstrato e o empírico, assim como vai além da transcendência do eu e a tirania do outro. Acredito que as críticas mais freqüentes feitas a Vygotsky - como, por exemplo, de que sua teoria aponta dois espaços estanques e isolados (o externo e o interno) que acabam trabalhando em seqüência no processo de internalização – se deva ao esquecimento de um detalhe que faz toda a diferença no que diz respeito à sua teoria: a dimensão dialética.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GÓES, Maria Cecília R. Os modos de participação do outro nos processos de significação do sujeito. **Temas em Psicologia**, 1, p. 1-5. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia, 1993.

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PINO, Angel. Processos de significação e constituição do sujeito. **Temas de Psicologia**, 1, p. 17-24. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia, 1993.

_____. Cultura e desenvolvimento humano. **Coleção memória da pedagogia**, 2, p. 14-21. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto, 2005.

SMOLKA, A. L.; De Góes, M. C. R. & Pino, A. A constituição do sujeito: uma questão recorrente? In: WERTSCH, James V. **Estudos socioculturais da mente**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

VYGOTSKI L.S **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. Obras Escogidas - Tomo II – **Problemas de Psicología General**. Madrid: Visor Distribuciones, 1993.